



PROJETO: CRIANÇAS NO FAZENDO GÊNERO

Justificativa

Faz-se necessário hoje pensar sobre o lugar da infância na contemporaneidade. Alguns teóricos da sociologia da infância a problematizam como um *entre-lugar*, “o espaço intersticial entre dois modos – o que é consignado pelos adultos e o que é reinventado no mundo das crianças – e entre dois tempos – o passado e o futuro” (SARMENTO, 2005, p. 10). Entendendo a infância na perspectiva de que ela consiste numa construção histórico-social e que esta varia de tempos em tempos, de lugares para lugares, não é difícil hoje tentar identificar qual é a visão predominante hoje no mundo. Isso se evidencia mais a partir do momento em que podemos elencar quais são hoje os espaços possíveis para a vivência da infância.

Sabemos da importância da institucionalização do ensino para o delineamento da visão de infância vigente hoje em dia, a saber: a criança como um ente carente de cuidados e dependente da proteção do Estado e da família. A visão da criança como um vir-a-ser também tem se consolidado como predominante de modo que a preocupação com o que ela se tornará quando for adulto tem povoado os discursos e a ideologia das instituições ligadas à infância. Na Modernidade, esta se consolidou como fonte de preocupação no interior dos saberes científicos a partir da pediatria, da psicologia do desenvolvimento e da pedagogia (ROCHA, 1999). No entanto, estes saberes serviram mais para reforçar uma visão universalista da criança do que para o desenvolvimento de um olhar atento à criança real, inserida num determinado contexto e permeada por uma rede significados e relações de poder.

Há mais um elemento definidor desta condição infantil: assim como há as diferenças relacionais entre adultos e crianças, salta aos olhos o reforçamento das diferenças de gênero nas vivências cotidianas das crianças. No entanto, muito pouco se tem problematizado acerca dessas diferenças dentro dessas ciências que se debruçaram na compreensão da infância no campo dos saberes. Num contexto mais amplo a mídia tem ganhado um espaço privilegiado para as construções identitárias. Além da ênfase no papel do consumidor/a, a mais recente e influente disseminadora de significados tem se dirigido aos pequenos e às pequenas fazendo uso de mensagens e ideologias que segregam meninos e meninas. A cultura das mídias voltada para as crianças reforça as diferenças entre esses dois mundos: de um lado pintando um mundo cor-de-rosa,



povoado de princesas, bonecas, acessórios e maquiagens de brinquedo e de outro um universo masculinizado com super-heróis, bola, chuteiras, carros e armas de brinquedo (ODININO, 2009).

Diante deste quadro, as instâncias que se preocupam com a infância - sobretudo aquelas que se responsabilizam pela educação - a fim de garantir uma coerência com o meio em que se inscrevem, deveriam procurar se conectar com essas realidades, atentas aos sujeitos e às suas culturas. Se a escola se presta a ser igualitária e democrática, ela deve se constituir como um espaço de reflexão coletiva, dinâmica e permanente. De olho na formação contínua das e dos profissionais ligados a educação, dado seu caráter político e histórico, caberia à escola proporcionar momentos de reflexão sobre os jogos de poder e a cultura pela qual estamos imersos. Para isso, torna-se imprescindível trazer para seu cotidiano questões sobre as diferenças entre os sujeitos, de forma que o educador ou educadora compreenda o espaço da escola como uma esfera contra-pública. Por outro lado, esta se constituiria em espaço de incorporação do caráter de formação permanente de professores/as como “intelectuais críticos capazes de ratificar e praticar o discurso da liberdade e da democracia” (GIROUX e MCLAREN, 2008, p. 126).

Neste horizonte, a fim de assumir a problemática de gênero no contexto dos espaços destinados à educação e à formação, torna-se necessário partir do princípio não-essencialistas das diferenças sexuais e adotar sua dimensão histórica-cultural, tal como definem os estudos de gênero alavancados pelo movimento feminista (SCOTT, 1995). Além das relações históricas, há as situações cotidianas que precisam ser primeiramente percebidas e refletidas, estas muitas vezes surgem camufladas em atitudes e ações que acabam por legitimar as diferenças entre meninos e meninas.

Na prática, vemos que as expectativas em relação a eles ou a elas muitas vezes acontecem de maneira distinta, dentro de um modelo ideal cristalizado no imaginário dos adultos e das crianças. Há nestas práticas uma educação dos corpos femininos e masculinos desde a mais tenra idade. Além disso, a escolarização tem caminhado no sentido de frear e controlar os movimentos das crianças e isso acontece de maneira distinta entre meninos e meninas. Segundo Scott (1995), gênero pode ser entendido como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interações humanas. Lançando esta compreensão para o universo da escola, sobretudo o da educação infantil, temos em jogo uma instituição bastante marcada pela exaltação do cuidado das crianças, segundo uma visão assistencialista das creches, predominante nos anos 1980 e ironicamente relacionada à conquista da autonomia feminina no



mercado de trabalho. Outra característica consiste na compreensão do papel dos brinquedos como dispositivos que participam da construção das identidades infantis (FINCO, 2007). Compreender este cenário efetiva-se como um primeiro passo para o lançamento de propostas de intervenção no sentido de partir da compreensão do lugar da criança, dos meninos e das meninas. Quanto à escola, esta se constitui enquanto espaço privilegiado para este encontro de adultos e crianças e neste sentido uma oportunidade para sistematicamente se pensar em possibilidades de ação mobilizadas pela resistência, crítica e reflexão.

Desenvolvimento

Este primeiro projeto consiste num piloto de uma proposta inédita de incorporação das crianças pequenas dentro do 9^a. *Seminário Internacional do Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidade e Deslocamento*. Sua idealização surgiu da vontade de atender aos/às participantes do seminário internacional no sentido de proporcionar um atendimento também para suas crianças e que, acima de tudo, estivesse imerso na atmosfera do evento. Por esta se constituir como uma primeira experiência, ainda terá uma dimensão restrita, o que não quer dizer que não haverá reflexão ou mesmo pretensões quanto ao desafio de incorporação deste grupo no Fazendo Gênero. Assim, para sua concretização, faremos uso do espaço de uma instituição de educação infantil, localizada no interior da universidade, sede do evento. Trata-se de uma pré-escola organizada e gerida por uma associação de pais e/ou responsáveis e de iniciativa privada. O espaço nos foi disponibilizado para atender no período da manhã e tem capacidade de acolher cerca de trinta crianças. Neste sentido, nos organizaremos de forma a receber dois grupos de crianças, separados pelo critério de idade: um para crianças de 2 a 4 anos e o segundo para crianças de 5 a 7. Cada um desses grupos contarão com a participação de três a quatro monitores/as que além de já terem experiência na área de educação, terão um curso de formação/treinamento de forma a contemplar as questões de gênero e diversidade. Além disso, vale lembrar que este curso de capacitação terá caráter intensivo e acontecerá uma semana antes do evento. Este será oferecido e discutido também com a equipe de profissionais da instituição, uma vez que o planejamento será pensado e articulado em parceria com o grupo de professores/as e com a coordenação.

Recursos e Estratégias



Funcionamento: das 7:15 às 12 horas, durante os dias de realização do 9ª. *Fazendo Gênero*, nos dias 24, 25 e 26 de agosto de 2010.

Atendimento: Capacidade de atender trinta crianças (entre os/as dependentes dos/as participantes do evento) com idade entre dois a sete anos.

Espaço físico: C.E.I. Flor do Campus – localizado no espaço da UFSC

Alimentação: lanche individual a cargo dos/as responsáveis pelas crianças

Curso de formação para a equipe de profissionais: a ser realizado uma semana antes, aberto ao público, com palestrantes pesquisadores/as convidados/as que estejam trabalhando com a temática de gênero, infância e educação. Os cursos acontecerão preferencialmente no período da noite, em três encontros temáticos, a saber: 1º. dia) Infância e gênero na contemporaneidade; 2º.) Educação e gênero e 3º.) Diversidade de gênero, étnico-racial, geracional, cultural.

Bibliografia

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006

FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na educação infantil IN FARIA, Ana L. G. (org) **O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, 2007

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS EM GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. LIVRO DE CONTEÚDO. VERSÃO 2009 – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009

GIROUX, H. e MCLAREN, P. Formação do professor como uma esfera contra-pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In MOREIRA, A. F e SILVA, T. T. (orgs) **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2008

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997

ROCHA, Eloisa. **A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia**. Campinas: Unicamp, tese de doutorado, 1997

SARMENTO, Manuel. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e da educação**. Porto: Asa editores, 2005

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, PP. 71-99

SOUZA, Fabiana. **Meninos e meninas na escola: um encontro possível?** Porto Alegre: Zouk, 2006

ODININO, Juliane. **As super-heroínas em imagem e ação: gênero, animação e imaginação infantil no cenário da globalização das culturas**. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2009

